Paratextos vindicativos e mobilidade dos textos: as páginas liminares de dois impressos de Charles Dassoucy

Paratexts of Vindication and the Mobility of Texts: the Preliminary Pages of Two Prints by Charles Dassoucy

Kelly Caroline Appelt

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
kellyappelt@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3441-7528

Resumo: Busca-se investigar a especificidade dos paratextos que molduram *Rimes redoublées* e *L'Avantures d'Italie*, do músico-escritor libertino Charles Dassoucy, que apresentam contraposições aos seus críticos e detratores. Embora a primeira obra tenha sido publicada em 1671 e a segunda em 1677, elas estão interligadas pela temática tratada, uma espécie de defesa *pro domo* de Dassoucy, em meio às descrições das experiências vividas no período em que esteve na Itália. Desde suas páginas liminares, pode-se verificar as particularidades que envolviam a escrita e a publicação de textos libertinos durante o século XVII, sendo identificáveis mudanças, alterações e omissões nas esferas materiais e textuais, que permitiram que o músico-escritor enfrentasse as impugnações recebidas ao longo de sua vida. Congregando os conceitos de paratextos e de mobilidade, neste artigo serão apontadas as formas como Dassoucy se voltou contra as críticas e acusações recebidas por ele previamente à publicação de suas obras e a relevância dos paratextos para que rebatesse as críticas, defendendo sua inocência e enfatizando o seu valor enquanto autor e músico perante a sociedade letrada do século XVII francês.
Palavras-chave: Paratextos na Época Moderna; Mobilidade dos textos; Libertinos franceses.

Abstract: This article aims to investigate the specificity of the paratexts that frame *Rimes redoublées* and *L'Avantures d'Italie*, by the libertine musician-writer Charles Dassoucy, which stage respondes to his critics and detractors. Although the first work was published in 1671 and the second in 1677, they are interconnected by their shared theme, a kind of *pro domo* defence by Dassoucy, interwoven with descriptions of the experiences he lived during his stay in Italy. From their liminary pages onwards, it is possible to observe the specific features that shaped the writing and publication of libertine texts in the seventeenth century, with identifiable changes, alterations and omissions in both the material and textual spheres, which enabled the musician-writer to confront the impugnations he faced over the course of his life. Bringing together the concepts of paratext and mobility, the article shows the ways in which Dassoucy turned against the criticisms and accusations levelled at him prior to the publication of his works, and the relevance of the paratexts in enabling the musician-writer to rebut these criticisms, defend his innocence and underscore his value as an author and musician within the learned society of seventeenth-century France.
Keywords: Early Modern Paratexts; Mobility of texts; French libertines.

Os escritos libertinos do século XVII francês carregam uma criticidade decorrente da liberação de ideias audaciosas, ao explorarem temas controversos e sensíveis para o período, como a crítica aos costumes, aos dogmas religiosos e a reivindicação de questionamentos existenciais, dos prazeres corporais, dos conhecimentos e das experiências de aventura, enquanto representantes da autonomia.[1] Muitos escritores libertinos também propunham inovações estilísticas, conjugando diferentes gêneros textuais em um único escrito e recorrendo ao emprego de hipérboles, ironias e equívocos como recursos que reverberavam as ambiguidades de interpretação textual.[2] Diante disso, podiam recorrer à prática da dissimulação, negando o que reivindicavam — liberdade de pensamento, prazer corporal, acesso ao conhecimento e questionamentos dos dogmas — ao mesmo tempo que tratavam de um tema com intenção de aludir a

[1] Diante disso, Isabelle Moreau trata especificamente das estratégias da escrita libertina. Isabelle Moreau. *Guérir du sot. Les Stratégies d'écriture des libertins à l'âge classique*. Paris: Honoré Champion, 2007.

[2] Filippo D'Angelo. "«Je suis le héros véritable de mon roman»: l'équivocité de la voix narrative dans les récits à la première personne au XVIIe siècle". *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, 33 (2004). Disponível em: http://journals.openedition.org/ccrh/237. Acesso em 3 de dezembro de 2025; Dominique Bertrand. "La «merveilleuse histoire» des «disgrâces» de Dassoucy: récit de survivance et résilience ambiguë". *Études littéraires*, 38 (2006), pp. 77-88. Disponível em: https://doi.org/10.7202/014824ar. Acesso em 3 de dezembro de 2025; Bruno Roche. "Le Rire d'Éros ou le libertinage de l'imagination". In: Alain Vaillant. *Esthétique du rire*. Paris: Presses Universitaires de Paris-Ouest, 2012, pp. 89-120; Bruno Roche. "Le rire du page ou les métamorphoses du libertinage flamboyant". In: Mathilde Bombart. *Lectures de Tristan L'Hermite. Le Page disgracié*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, pp. 99-110.

outro para se desviarem das censuras.[3] Sendo assim, os textos libertinos tinham uma dinâmica particular, que envolvia tanto o recurso da dissimulação das ideias quanto as operações materiais, remodelando seus textos para que pudessem ser publicados e lidos, a fim de persuadir os possíveis leitores.[4]

A criticidade inscrita nas palavras podia ocasionar dificuldades para a publicação, já que ela expunha os escritores libertinos ao julgamento externo, não apenas do controle político-religioso, como também de outros colegas de profissão. Por isso, não é incomum encontrar já nas primeiras páginas de suas produções traços de precaução, a partir da escrita e da materialidade dos artefatos, que originam diferentes versões de um mesmo texto. É nesse espaço liminar que se situam os paratextos vindicativos que interessam à análise deste artigo.

Duas obras de Charles Dassoucy, *Rimes redoublées* e *L'Avantures d'Italie*, a primeira publicada em 1671 e a última em 1677, foram impressas em Paris depois de o músico-escritor retornar à capital francesa. Seus paratextos — como folhas de rosto, frontispícios, dedicatórias e prefácios —, além de narrarem as qualidades e defenderem a inocência e as habilidades de Dassoucy, apresentam também variações materiais, omissões e reescritas.[5] As peças replicam as acusações de que Dassoucy foi alvo, representando, ao mesmo tempo, a ambição de convencer os possíveis leitores da sua excelência como escritor e a frustração de ter sido criticado e caluniado como sodomita e alguém pouco religioso — rumores que emergiram um pouco antes que ele deixasse Paris, no ano de 1650.[6] Busca-se, então, compreender como o músico-escritor utiliza as peças liminares de suas obras para responder a certas críticas, proteger-se de novas perseguições e (re)presentar-se situado acima das acusações de seus detratores. Enquanto redator principal das epístolas dedicatórias e dos prefácios, Dassoucy insurge contra as críticas recebidas para favorecer a recepção de suas obras e do seu mérito de composição.

---

[3] Jean-Pierre Cavaillé. *Dis/simulations. Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Religion, morale et politique au XVIIe siècle*. Paris: Honoré Champion, 2002; Georges Minois. *Censure et culture sous l'Ancien Régime*. Paris: Fayard, 1995.

[4] A reflexão do presente artigo emergiu de uma pesquisa anterior desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, incluindo o período sanduíche na Université Paris Nanterre. Ver Kelly Caroline Appelt. *"Ceci n'est pas une imagination ridicule": circularidade de ideias entre escritores libertinos na França do século XVII (Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy e Tristan L'Hermite)*. Tese de Doutorado em História: Universidade Federal de Minas Gerais, 2025.

[5] Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassovcy*. Paris: Claude Nego, 1671. Biblioteca Nacional da França RES-YE-3489. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1525263p. Acesso em 3 de dezembro de 2025; Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. Biblioteca Nacional da França RES 8-LN27-695. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626246n. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

[6] Charles Eugene Scruggs. *Charles Dassoucy: Adventures in the age of Luois XIV. The Life and Works of Dassoucy with Selected Narrativas from His Aventures*. New York; London: University Press of America, 1984, p. 6.

Os textos que emolduram os livros, como figuras, índices, dedicatórias, prefácios e notas, foram denominados paratextos. A categoria desenvolvida por Gérard Genette congrega "peritexto e epitexto = paratexto" para identificar os elementos que compõem os livros e aqueles que os orbitam, sendo compreendidos como produções exteriores ao texto principal. Para o teórico francês, jamais existiu um texto sem paratexto,[7] embora seu foco de análise tenha privilegiado as produções contemporâneas.

Outros estudos mostram que os paratextos que compõem as obras de períodos anteriores podem variar em relação às formas propostas por Genette. Ao explicar o que é um paratexto a partir do estudo de manuscritos antigos do Novo Testamento — apesar de deixar a definição um pouco em aberto —, Stanley E. Porter reconhece o pioneirismo da conceituação do francês, mas não ignora que o seu (1) modelo foi pensado a partir do sistema contemporâneo de publicação, (2) apoiado na ideia de autor e de controle autoral — já que os manuscritos antigos têm uma noção de autoria variável, entre escrita, ditado, supervisão da publicação, intervenção de escribas — e, enfim, que (3) não basta apenas definir a forma de um paratexto, deve-se pensar na sua função.[8]

Para Porter, a questão é que títulos, margens, rubricas e diferentes sinais gráficos podem ser considerados paratextos mesmo quando estão fundidos com o núcleo do texto, tal como ocorre com os manuscritos antigos que investiga. O pesquisador de estudos bíblicos reconhece que cada época tem suas particularidades e nem sempre os dois componentes estão separados. Sendo assim, não se pode desconsiderar o intercâmbio existente entre texto e paratexto, compreendendo o texto como um artefato que possui conteúdo, função e está envolvido em relações — autorais e contextuais.[9]

A percepção de Sirkku Ruokkeinen e Aino Lüra, ao analisarem os textos produzidos no período medieval e moderno, também recai sobre a questão material, como um elemento que está estritamente interligado com o paratexto, já que ele se constitui a partir da materialidade, ou melhor, da observação do material, do artefato que os abriga. Conjuntamente a isso, marginalia, letras diferentes, sublinhados e espaços, que podem estar sobrepostos ao texto "principal", não fazem com que eles percam suas funções paratextuais.[10]

No mesmo horizonte, Anne Cayuela se volta para o estudo das produções espanholas do período moderno e indica que o paratexto constitui um espaço repleto de informações preciosas para o historiador do livro, ao refletir e

---

[7] Gérard Genette. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 9 e 11.

[8] Stanley E. Porter, Chris S. Stevens, David I. Yoon (org.). *Studies On the Paratextual Features of Early New Testament Manuscripts.* Leiden; Boston: Brill, 2023, pp. 16-17.

[9] *Idem*, p. 18-19. Em outro capítulo da obra, Michel P. Theophilos identifica uma variedade de elementos paratextuais — como títulos, sinais de pontuação, paginação, decoração, descrições de tópicos, sinais de pontuação etc. — a partir da análise das glosas marginais de cópias antigas de papiro e pergaminho do Novo Testamento grego. *Idem*, pp. 330-357.

[10] Sirkku Ruokkeinen e Aino Liira. "Material Approaches to Exploring the Borders of Paratext". *Textual Cultures*, 11 (2017), pp. 106-129. Disponível em: https://doi.org/10.14434/textual.v11i1-2.23302. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

representar as etapas da transformação do escrito em objeto de leitura, da sua materialidade e do encontro do texto com o seu público.[11] Tal aspecto pode ser relacionado com a análise da historiadora Andréa Doré, que investiga os prefácios de cosmógrafos da Renascença e aponta como os paratextos constituem materiais essenciais para a proliferação de informações, ocupando um papel relevante para a difusão do conhecimento geográfico durante o período moderno.[12]

Assim, neste artigo, busca-se lançar luz sobre os paratextos de *Rimes redoublées* e *L'Avantures d'Italie* para compreender as particularidades que envolviam tais materiais, observando especificamente as narrativas que compõem as folhas de rosto, os prefácios, as dedicatórias, os frontispícios e os versos que molduram as fontes. Conjuntamente, serão examinadas alterações e contradições decorrentes da chamada mobilidade textual, aspecto recorrentemente destacado nos trabalhos de Roger Chartier, que reconhece a variabilidade como característica inerente à produção textual no período moderno. Ela constituía parte das práticas e da forma como os escritos eram compreendidos, enquanto campos abertos à reutilização e à revisão contínua.[13] Outros estudiosos, como Guillaume Peureaux, ressaltam a prevalência das alterações desde o manuscrito, em que acréscimos e supressões eram, muitas vezes, compreendidos como inevitáveis pelos escritores e demais envolvidos na produção e publicação textual.[14]

Objetiva-se, então, evidenciar a relevância dos paratextos das obras de Dassoucy, que representam seu anseio de encontrar formas eficazes de atrair leitores suficientemente sagazes para identificar a tenacidade da reflexão libertina em prol de sua autonomia de pensamento. Além disso, será apresentado o contexto que envolvia a composição das fontes analisadas, de modo a evidenciar a busca de Dassoucy em representar e reformular sua

---

[11] Anne Cayuela. *Le paratexte au Siècle d'Or*: *prose romanesque, livres et lecteurs en Espagne au XVIIe siècle*. Genebra: Librairie Droz, 1996, p. 10.

[12] Andréa Doré. "Vendre le monde: les préfaces des cosmographies à la Renaissance". *Margini: Giornale della dedica e altro*, 11 (2017), pp. 3-16. Disponível em: https://www.margini.unibas.ch/web/rivista/numero_11/saggi/articolo2/dore.pdf. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

[13] Roger Chartier. *A ordem dos livros*: *leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1998; Roger Chartier. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004; Roger Chartier*. A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesigner. São Paulo: UNESP, 2014; Roger Chartier. *Éditer et traduire. Mobilité et matérialité des textes (XVIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Seuil/Gallimard, 2021.

[14] Guillaume Peureaux. *De main en main*. *Poètes, poèmes et lecteurs au XVIIe siècle.* Paris: Hermann Éditeurs, 2021, p. 10. Chartier, por sua vez, relembra a importância de considerar os diversos agentes que estavam envolvidos no processo de publicação dos textos, como escritores, impressores, livreiros e mascates. Os mesmos indivíduos envolvem as funções de autor, já que cada um deles poderia interferir no texto. Roger Chartier. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Trad. Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012, p. 48.

reputação por meio da escrita, construindo uma perspectiva positiva de si em contraposição às difamações de que foi alvo ao longo de toda a sua vida.[15]

Um olhar sobre as *Rimes redoublées*, para não passarem despercebidas[16]

Em 1669, Dassoucy, que era escritor e um reconhecido músico da corte de Louis XIII, retornou para a capital Paris e decidiu publicar os textos produzidos durante a longa jornada passada em terras italianas. Ansioso para que alguma de suas peças viesse a ser publicada rapidamente, o músico-escritor condensou uma parte dos seus textos em *Rimes redoublées*, que foi publicada em 1671. Tal peça inclui versos e outros pequenos escritos produzidos, principalmente, durante os anos de 1657 e 1669. Além dos poemas que ali constam, a obra foi uma das primeiras peças em que Dassoucy manifestou-se, publicamente e diretamente, contra as imputações de sodomia que o seu ex-amigo Chapelle havia proferido contra ele, ainda em 1661, na obra *Voyage de Chapelle et Bachoumont*.[17]

Inicialmente, o músico-escritor pretendia publicar um extenso escrito denominado *Avantures d'Italie*. Contudo, o privilégio que foi solicitado ao chanceler Séguier demorou, aproximadamente, seis meses para ser emitido.[18] Segundo o biógrafo Jean-Luc Hennig, era incomum a demora do documento, que somente foi obtido em outubro de 1670.[19] Porém, o privilégio em questão teve a palavra "*Italie*" suprimida, um aspecto que foi observado por Hennig e que, somado à demora para emissão do documento, seria indicativo de que, desde o

---

[15] No segundo tomo de *Avantures*, o músico-escritor evidencia as perseguições de que foi alvo desde a infância. A escrita tornou-se um refúgio.

[16] Subtítulo inspirado na declaração de Dassoucy na epístola da obra, em que indicou: "je ne laisse passer aucune occasion de me faire voir". Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées*, *op. cit.* p. 2.

[17] Antes da publicação na coletânea de poesias denominada *Nouvelles Poesies et Prose Galantes*, o seu texto teve uma prévia circulação na forma manuscrita: *Nouvelles Poesies et Prose galantes. Contenant plvsievrs Elegies, Stances. Sonnets, Rondeavx, Epigrammes, Bovts-Rimez et Madrigavx. Sur divers sujets les plus enjoüez de ce temps*. Paris: Estienne Loyson, 1661. Deve-se lembrar que Chapelle era filho de François Luillier, oficial de contas em Paris e Metz e amigo íntimo do epicurista Pierre Gassendi. O jovem Chapelle teria sido pupilo do filósofo ao lado de Cyrano de Bergerac. Ambos eram próximos de Dassoucy até romperem a amizade. Todos são reconhecidos como libertinos, pois além de suas divergências com os dogmas religiosos, eram críticos e reconheciam a importância do ser humano experimentar a autonomia de corpo e mente.

[18] Dentre as peças que compõem *Rimes redoublées*, encontra-se a súplica de Dassoucy dirigida ao chanceler, que foi intitulada como "Pour obtenir mon privilège". Charles Dassoucy. *Les Rimes redoublées*, *op. cit.* pp. 48-51.

[19] Desde 1563, o privilégio era obrigatório para qualquer obra que fosse impressa em solo francês. Henri-Jean Martin. *O aparecimento do livro*. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. São Paulo: Unesp, 1996, p. 339. O documento concedido a Dassoucy foi reproduzido, somente, em duas obras publicadas posteriormente, em Charles Dassoucy. *Les Pensées de Monsieur D'Assoucy dans le S. Office de Rome.* Paris: Antoine de Rafflé, 1676 e em Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier. Paris: Claude Audinet, 1677.

ano de 1670, o texto de Dassoucy não poderia ser publicado no estado em que se encontrava — contendo, por exemplo, trechos fortes contra os prelados romanos e o duque de Mântua, Charles II.[20] Além disso, Dassoucy teve que lidar com a dificuldade de encontrar um livreiro interessado em imprimir o seu manuscrito, conforme apontou Guy Catusse.[21] Sendo assim, o músico-escritor optou por fragmentar seu texto e, desse modo, acelerar a publicação. No prefácio dedicado ao leitor de *Rimes redoublées*, Dassoucy evidenciou a necessidade de publicar rapidamente o seu texto, ao dizer:

> Esperando desabusar o mundo, minhas aventuras de Itália vêm ao meu socorro, eu apressei esses filhos de meu gênio Burlesco de vir ao dia, para te assegurar [leitor] pela semelhança que eles possuem com os seus irmãos que o pai que os produziu ainda está aproveitando da luz, e que ele fará todos os seus esforços para te servir, te agradar e te divertir.[22]

No excerto, apresenta-se uma contradição evidente, quando Dassoucy se refere à obra *Avantures d'Italie*, que consistia no texto que ele, inicialmente, ansiava publicar primeiro, mas que acabou alterando, ao focar na condensação de poemas, resultando na publicação de *Rimes redoublées*. De qualquer forma, o objetivo principal era lançar-se à cena literária parisiense para confirmar o seu retorno. Inclusive, ele o anuncia no início de seu prefácio: "Seriamente, creio que o Mundo está sem olhos, ou que perdeu o senso, já faz mais de um ano e meio que retornei de Roma".[23] Para ele, também era importante confirmar a sua competência como escritor e a sua inocência diante das acusações e crimes que lhe foram imputados. Entre os possíveis delitos, estariam a sodomia e a blasfêmia, o que levou Dassoucy para a prisão em algumas ocasiões: (1) em Montpellier, no ano de 1656, (2) no Santo Ofício de Roma no ano de 1667 e, novamente, (3) em 1673, na capital parisiense.[24] Alguns dos textos que

---

[20] Jean-Luc Hennig. *Dassoucy & les garçons*. Paris: Fayard, 2011, pp. 974-975.
[21] Guy Catusse. "Des *Rimes redoublées* aux *Aventures de Monsieur Dassoucy*: dire et redire la 'médisance'". In: Dominique Bertrand (éd.). *Avez-vous lu Dassoucy? Actes du colloque du Centre d'études sur les réformes, l'humanisme, et l'âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005, p. 145. No prefácio, Dassoucy indicou que muitos livreiros imaginavam que ele estivesse morto: "Et enfin dans tout Paris je ne voy que Messieurs les Libraires qui me fassent l'honneur de croire que je sois tout Corps". Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*, *op. cit.* pp. 10-11.
[22] Tradução livre: "attendant que pour desabuser le monde, mes aventures d'Italie viennent à mon secours, j'ay pressé ces enfans de mõ Burlesque genie de venir au jour, pour t'asseurer par la ressemblance qu'ils ont auec leurs freres que le pere qui les a produits, est encore jouïssant de la lumiere, & qu'il fera tous ses efforts pour te servir, te plaire, & te divertir en cette vie". *Idem*, p. 12.
[23] Tradução livre: "Tovt de bon je crois que le Monde est sans yeux, où qu'il a perdu le sens, il y a plus d'un an & demy que je suis de retour de Rome". *Idem*, p. 1.
[24] Na obra *Prison*, especificamente, Dassoucy deu mais detalhes sobre o seu encarceramento em Roma. Também não se pode desconsiderar as diversas referências às suas outras prisões nos dois tomos de Avantures. Charles Dassoucy. *La Prison de M.*

constituem *Rimes redoublées*, inclusive, são pedidos de intervenção da parte de Dassoucy que foram endereçados da prisão no Santo Ofício a determinadas figuras, como o papa Clément IX, Louis XIV, os duques de Chaulnes e de Brissac e o abade Machaut.

O escritor ansiava representar-se, desde a epístola dedicatória e o prefácio, como um homem inocente, para refutar os seus detratores, o que tornava imprescindível a publicação dos seus textos como parte de sua defesa, da construção de uma dada representação de inocência, e persistência, além da difusão de ideias críticas.[25] Na segunda página da dedicatória que Dassoucy ofertou ao conde de Lauzun, capitão das guardas do rei, é possível encontrar sua mensagem contra os inimigos:

> Eu sou o alvo da iniquidade dos maus, da ignorância dos simples, e da malícia dos tolos; por isso, Senhor, tendo de me defender de tantos inimigos, não me basta por protetor menos que um Capitão das Guardas do Corpo do Rei e um Comandante de suas Armadas tão valoroso quanto vós, de cuja sombra somente pela forte antipatia que tendes por todos esses insetos, pode destruir toda essa praga esfaimada, tão mordaz e tão funesta às pessoas honestas.[26]

A partir do trecho, verifica-se que Dassoucy quer se defender anunciando sua inocência, sem deixar de solicitar o apoio a um protetor que estava próximo e, na época, era bem visto pelo rei Louis XIV. Não bastava, pois, declarar sua inocência, era preciso estar ligado às pessoas poderosas. Por meio dessa aproximação, ele poderia ser protegido de novas represálias. Também se deve lembrar que quase todos os textos publicados ao longo dos anos 1670 e 1677 foram escritos em primeira pessoa, e mesmo que Dassoucy tenha declarado ser

---

D'Assoucy. Paris: Antoine de Rafflé, 1674; Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.*; Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome seconde. Paris: Claude Audinet, 1677.

[25] Jean-Pierre Cavaillé. "Hypocrites, hérétiques, déistes et athéistes dans les écrits de Dassoucy". In: Dominique Bertrand (éd.). *Avez-vous lu Dassoucy? Actes du colloque du Centre d'études sur les réformes, l'humanisme, et l'âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005, pp. 269-296; Guy Catusse. "D'un bon usage de l'équivoque: les avantures de Dassoucy". *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, 33 (2004). Disponível em: http://journals.openedition.org/ccrh/241. Acesso em 3 dezembro de 2025; Guy Catusse. "Les prisons de Monsieur Dassoucy". *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, 39 (2007), pp. 119-139. Disponível em: https://doi.org/10.4000/ccrh.3369. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

[26] Tradução livre: "Je suis le but de l'iniquité des méchans, de l'ignorance des simples, & de la malignité des sots; C'est Pourquoy, Monseignevr, ayant à me défendre de tant d'ennemis, je n'ay pas besoin d'vn moindre Protecteur qu'vn Capitaine des Gardes du Cops du Roy, & d'vn Commandant ses Armées aussi valeureux que Vous, de qui l'ombre seule par la forte Antipathie que vous auez pour tous ces insectes, peut détruire toute cette vermine affamée, si piquante & si fatale aux honestes gens". Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*, *op. cit.* pp. 2-3.

o herói verdadeiro do seu romance, ele também relembra que a sua escrita se tratava de uma fábula.[27] Assim, o escritor tentava se proteger envolvendo seus escritos em uma equivocidade misturada ao tom satírico do seu estilo burlesco, que não permitia separar as mensagens de suas narrativas entre experiência vivida e imaginação.

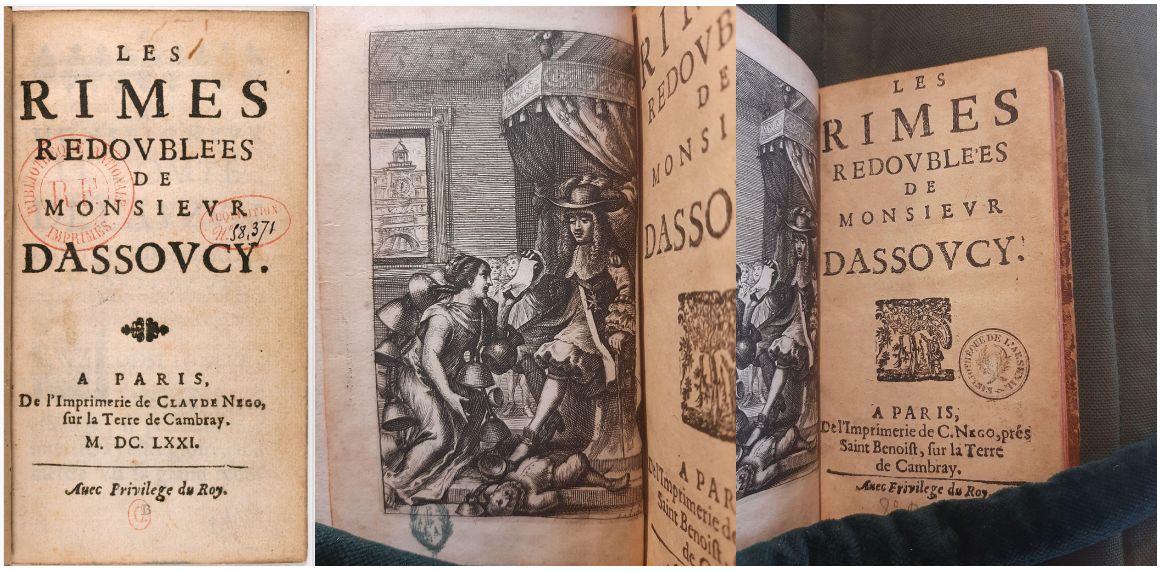


Figura 1 – As diferentes capas dos exemplares de *Rimes redoublées* de 1671 e 167[2-3]. A segunda edição (imagens ao centro e à direita) foi consultada na Biblioteca Nacional da França, Arsenal e não possui uma versão digitalizada como a primeira (imagem à esquerda). Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*. Paris: Claude Nego, 1671. Biblioteca Nacional da França RES-YE-3489 Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1525263p.
Acesso em 3 de dezembro 2025; Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*. Paris: Clavde Nego, 167[2-3]. Biblioteca Nacional da França, Arsenal 8-BL-9114.

Um outro aspecto concernente a *Rimes redoublées* é que uma segunda edição da obra foi publicada em 1672 ou em 1673. Ainda não existe uma definição exata sobre a sua aparição, já que o ano de publicação não consta na peça. Diferentemente do primeiro exemplar de 1671, a nova edição passou a incluir um belo frontispício, que introduz o leitor à obra e ornamenta a página do título. As diferenças entre as obras, que podem ser observadas materialmente, evidenciam a mobilidade a que os paratextos que compõem os impressos estavam sujeitos e como, mesmo depois de publicados, as obras poderiam passar por contínuas transformações, que não necessariamente visavam correções, mas sim reformulações e supressões. Ao observar as primeiras páginas dos exemplares (Figura 1), identifica-se algumas mudanças, como o

[27] No prefácio de *Avantures*, ele declarou: "Je suis le Heros veritable de mon Roman". Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.* Em outra passagem da obra, indicou a escrita de uma fábula: "Lecteur pieux et charitable, / Uze icy de ta charité, / Chapelle t'en a bien conté, / D'Assoucy t'en fait le semblable: / Mais pour dire la verité, / L'un et l'autre de son costé / N'a rien écrit de veritable, / Croy, Lecteur, que c'est une fable / Et que le tour est inventé". Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.* pp. 282-283.

nome do impressor, que de Clavde Nego foi alterado para C. Nego, onde a letra do sobrenome comporta um erro tipográfico que parece ter sido corrigido à mão. Os ornamentos decorativos também sofreram mudanças, como a ilustração que divide o título e as informações da impressão, e observa-se uma ausência quanto à data de publicação no segundo exemplar.

Outras características saltam aos olhos, como a modificação da dedicatória, que não estava mais endereçada ao capitão da guarda do rei, conde de Lauzun, mas sim à duquesa da Toscana, Marguerite Louise d'Orleans, filha de Gaston d'Orleans. Desde a primeira frase da dedicatória, Dassoucy ressalta que aquela obra havia passado por uma depuração para ser devidamente apresentada diante da duquesa:

> [...] este Livro foi tão expurgado, que ele não teme mais o exame rigoroso. Eu estaria errado no entanto de reclamar da severidade do seu destino, porque tendo aparecido diante de um espírito como o vosso, ele não deveria ser menos refinado.[28]

Somente após ter incluído novos elementos e suprimido alguns trechos, tais como o frontispício e uma nova dedicatória, o livro estaria à altura de ser dedicado à duquesa. Na verdade, o que parece ter ocorrido com a segunda edição da obra foi a substituição da antiga dedicatória, já que sua última página termina com a numeração oito e a folha seguinte está numerada como décima terceira, quando se inicia o texto com o poema "Plainte de la samaritaine" (Figura 2), sem a presença do prefácio. Uma das hipóteses para a alteração na dedicatória consiste na ruína do conde de Lauzun ao tentar desposar a abastada Grande Mademoiselle, Anne Marie Louise d'Orléans, filha de Gaston com Marie de Bourbon. Embora Louis XIV tenha permitido o casamento da prima com o membro da alta nobreza ao serviço do rei, a discrepância social e financeira e a ambição de Lauzun acabaram impedido a oficialização. Ele foi preso e estava impossibilitado de casar-se, mas a união ocorreu posteriormente, quando a princesa de sangue aceita doar parte de sua fortuna para o duque de Maine, filho do rei, tornando-o seu herdeiro. Sendo assim, Dassoucy não poderia estar associado a mais um escândalo nem manter a dedicatória de sua obra a um homem que foi preso e era suspeito de querer enriquecer às custas da Grande Mademoiselle.[29]

Mesmo com as mudanças, a segunda edição da obra tem uma reutilização das páginas impressas em 1671. Para Georges Mongrédien, as novas folhas que

---

[28] Tradução livre: "ce Livre est tellement espuré, qu'il ne craint plus la coupelle. J'aurois tort pourtant de me plaindre de la seuerité de son destin, puisqu'ayant à paroistre deuant vn esprit comme le vostre, il ne deuoit pas estre moins rafiné". Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*. Paris: Claude Nego, 167[2-3]. Biblioteca Nacional da França, Arsenal 8-BL-9114, pp. 3-4.

[29] Uma percepção compartilhada com Claudine Nédelec. "Matérialités du littéraire: Dassoucy, figurations et reconfigurations éditoriales". In: *Conférence, ED SHS 586*, 10 mars 2021, p. 16. Disponível em: https://univ-artois.hal.science/hal-04551902v1/document. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

foram incluídas, como a dedicatória, teriam sido compostas conjuntamente com as páginas dos primeiros exemplares não vendidos.[30] Assim, a inclusão de novas folhas, principalmente entre os textos preliminares da obra, indica a adequação do livro para promover a reputação de Dassoucy, evidenciar suas habilidades como escritor e encorajar o apoio e investimento em suas futuras publicações, já que o músico-escritor almejava divulgar outros textos que narravam suas travessias e infortúnios por diversas cortes e regiões. Tal percepção foi identificada por Susanne de Schepper, a partir do argumento de Paul Voss, ao analisar os textos do período renascentista. Ao serem utilizados com tais objetivos, os paratextos garantiam a relevância das obras que emolduravam e compunham para os agentes daquele contexto.[31]

Além dessas alterações, uma parte específica do segundo exemplar foi foco de uma significativa depuração. Trata-se, especificamente, da carta contra Chapelle, que passou a ter 24 páginas, em comparação às 13 que constam na primeira edição.[32] Conforme apurou Catusse, o livro da segunda edição não foi completamente depurado, pois boa parte de seus textos foi publicada sem grandes modificações, se comparados à carta, que foi completamente reescrita. Nesse sentido, Dassoucy temia a forma como o texto seria interpretado e lido, já que nele o seu antigo amigo foi acusado de pérfido, alcoólatra e sodomita.[33]

De certa forma, a segunda edição de *Rimes redoublées* evidencia que o escritor desejava atenuar o seu tom polemista e acusatório, de forma a se enquadrar ao gosto de um novo tempo, isto é, ao período da ascensão de Louis XIV,[34] em que o âmbito das belas letras passava por reformulações, inclusive na forma de expressão do tom burlesco. Os estudos de Michel Jeanneret indicam o esforço que determinados escritores do período, como Jean Chapelain, que esteve ao lado do cardeal Richelieu no momento da criação da Academia Francesa em 1635 — elevando a atuação dos escritores ao lado do poder —[35], em defender a necessidade de que as produções do período descrevessem temas

---

[30] Georges Mongrédien. "Bibliographie des oeuvres de Dassoucy". *Revue d'Histoire littéraire de la France*, 1 (1932), p. 105.
[31] Susanna de Schepper. "'For the Common Good and for the National Interest': Paratexts in English Translations of Navigational Works". In: Sara K Barker e Brenda M. Hosington (eds.). *Renaissance Cultural Crossroads: Translation, Print and Culture in Britain, 1673-1640*. Leiden: Brill, 2013, p. 186.
[32] Existem dúvidas sobre até que ponto as alterações feitas na carta podem ter ampliado ou reduzido a maledicência de Dassoucy contra Chapelle. Madeleine Alcover e Guy Catusse levantam questões sobre isso e parecem não concordar, já que, para a primeira, o texto anterior era mais feroz e, para o segundo, parece ter tido abandono de algumas das acusações iniciais. Madeleine Alcover. "Un gay trio: Cyrano, Chapelle, Dassoucy". In: Ralph Heyndels, Barbara Woshinsky (éd.). *L'Autre au XVIIe siècle*. *Actes du quatrième coloque du Centre international de Rencontres sur le XVIIe siècle (University of Miami, 23-25 avril 1998)*. Tübingen: Narr, 1999, p. 269; Guy Catusse. "Des *Rimes Redoublées* aux *Aventures de Monsieur Dassoucy*: Dire et redire la 'médisance'", *op. cit.* p. 149.
[33] *Idem*, pp. 147-148.
[34] Tradução livre: "les censeurs de la langue ont définitivement gagné la bataille du purisme, de la mesure et de la bienséance". *Idem*, p. 149.
[35] Robert Muchembled. *La Société policée. Politique et politesse en France du XVIe au XXe siècle*. Paris: Seuil, 1998, pp. 46-52.

obscenos por meio de palavras honestas, sem escandalizar, disfarçando e tornando dissimuladas, no texto, as referências ao provocador, transgressor e obsceno.[36] A grosseria poderia estar contida nas coisas e nas palavras que eram empregadas pelos escritores.[37] Nesse sentido, ocorreu uma busca pela alteração e refinamento da escrita, da poesia e de outras expressões textuais ao longo do século XVII. No fim do período, ocorreu uma modificação do estilo burlesco, em que o seu aspecto sarcástico, direto e provocante deveria ser modelado. Temas como a sodomia, a descrença, a perseguição e o aprisionamento, tudo o que era ligado à dissolução, frequentemente referenciados nas obras de Dassoucy e de outros libertinos do seu tempo, poderiam não ser recebidos de maneira tão positiva. Sendo assim, para representar-se como inocente, prudente, esperando ser reconhecido pelos seus pares, o músico-escritor tentou enquadrar suas obras, desde os seus paratextos, na polidez e graciosidade que parecia florescer entre os homens e mulheres de letras.[38]

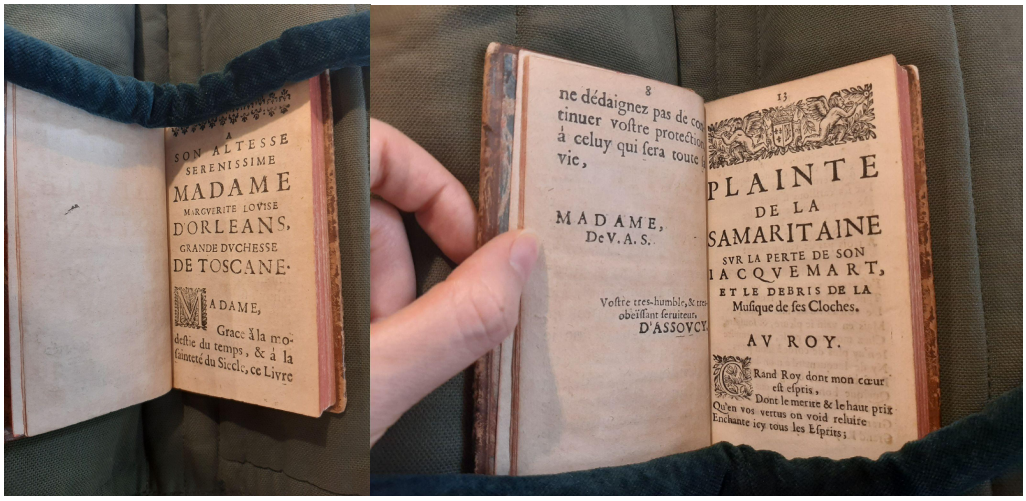


Figura 2 – A dedicatória e as páginas que não seguem numeração correta, como a última folha da dedicatória e início do texto com o poema.
Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*. Paris: Claude Nego, 167[2-3], p. 1, p. 8 e p. 13. Biblioteca Nacional da França, Arsenal 8-BL-9114.

As alterações e contradições verificadas nas folhas que abrem a primeira e a segunda edição de *Rimes redoublées* evidenciam como os textos, e mais especificamente os impressos, eram continuamente retrabalhados durante o período moderno, consistindo em uma prática característica diante da profusão de materiais textuais e da emergência de novas ideias, debates, modelos e reavaliações, em um contexto de acirramento do controle do Estado e da Igreja

[36] Michael Jeanneret. "«Envelopper les ordures»? Érotisme et libertinage au XVIIe siècle". *Littératures Classiques*, 55 (2005), pp. 160-161. Disponível em: https://doi.org/10.3917/licla.055.0157. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
[37] Claudine Nédelec. "Le burlesque au Grand Siècle: une esthétique marginale?" *Dix-septième siècle*, 224 (2004), pp. 429-443. Disponível em: https://doi.org/10.3917/dss.043.0429. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
[38] As produções das mulheres são relevantes nesse processo, ver Joan Dejean. *Tender Geographies. Women and the Origins of the Novel in France*. New York: Columbia University Press, 1991.

e também de agitações.[39] As alterações das dedicatórias dos textos de Dassoucy reverberam na prática de escrita libertina e expõem os esforços do músico-escritor para declarar a relevância de sua obra, além de incidirem sobre a imortalização das reflexões dos escritores ao longo do tempo.

Culminação de uma jornada com as *Avantures d'Italie*

Somente sete anos depois de ter retornado à França é que Dassoucy conseguiu publicar as *Avantures d'Italie*, em 1677, pouco tempo antes da sua morte, ocorrida em outubro daquele ano. Esse texto, que ele tanto desejou divulgar, acabou sendo o último a ser publicado, pois os manuscritos do escritor passaram por uma revisão e reescrita constante até serem remodelados para a impressão. De acordo com Dominique Bertrand, depois que Dassoucy voltou a Paris, em 1699, ele trabalhou seus textos de forma contínua, pois existem, por exemplo, passagens que mencionam sua idade, e ora ele diz estar com 70 anos, ora com 72, além de referências a determinados eventos, como ao tratado de Westminster, assinado em 1674.[40] Contradições textuais como estas revelam a fragilidade da escrita libertina, mesmo tendo um caráter dissimulado, irônico e cômico, que poderia dispersar a censura e desviar o significado e a invocação de uma dada autonomia ou liberdade de pensamento por parte dos libertinos. Os textos dos libertinos, como os de Dassoucy, continham reflexões audaciosas e críticas ao clero, principalmente sobre a hipocrisia que pairava entre os religiosos, aos supersticiosos e à impostura das religiões. Entre as reflexões polêmicas, Dassoucy não perdia a oportunidade de acusar seus ex-amigos de ateísmo e sodomia como forma de retaliação, já que ele tinha sido alvo deles no passado.

A última frase que compõe o prefácio da obra, por exemplo, diz: "o tempo e a paciência te ensinarão [leitor] o segredo"[41], sendo indicativo do cultivo de uma dada resiliência por parte de Dassoucy, que não cessou de buscar os meios, como o apoio de patrocinadores, para publicar os seus textos.[42] Nesse sentido,

---

[39] Chartier aborda a profusão não somente de livros, como também de panfletos, cartazes e de uma variedade de impressos que faziam a informação circular e atravessar espaços, como no caso dos livros azuis, que, aos poucos, chegavam até os campos. Roger Chartier. "Pamphlets et gazettes". In: Roger Chartier e Henri-Jean Martin (dir.). *Histoire de l'édition française*. Tome 1. Paris: Fayard-Cercle de la librairie, 1989, pp. 501-526; Roger Chartier*. Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, *op. cit.*; Roger Chartier. *A mão do autor e a mente do editor*, *op. cit.*

[40] Charles Dassoucy. *Les Aventures et les Prisons*. Édition critique par Dominique Bertrand. Paris: Honoré Champion, 2008, p. 339. Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.* p. 308, p. 85.

[41] Tradução livre: "Le temps & la patience t'en apprendront le secret". Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677, s.p. Biblioteca Municipal de Lyon 801820.

[42] Ao voltar para Paris, suas obras foram dedicadas principalmente à duquesa Marguerite-Louise d'Orléans, ao rei Louis XIV e à rainha Marie Thèrese d'Autriche, assim como ao duque de Saint-Aignan. Em 1671, depois da intervenção de Louis XIV para ser

pode-se dizer que todas as obras publicadas entre 1671 e 1677 estão interligadas pelo mesmo fio condutor, ao narrarem as experiências vividas em viagens, caminhadas e aprisionamentos, com o intuito de ressaltar a inocência e as perseguições enfrentadas por Dassoucy ao longo de toda a sua vida, mas que, de certa forma, foram superadas.[43]



Figura 3 – Retrato em um dos exemplares de *Avantures d'Italie* localizada em Lyon. Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. Biblioteca Municipal de Lyon 801820. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001100390025. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

A perenidade dos escritos de Dassoucy iriam, então, reverberar ao longo do tempo, evidenciando seu triunfo diante das dificuldades enfrentadas — as perseguições e aprisionamentos. Os paratextos podiam constituir, no período moderno, um espaço oportuno para que os escritores fabricassem sua própria apresentação, criando uma imagem de si mesmos que podia acompanhar os possíveis leitores ao longo do livro.[44] Inclusive, a imagem que emoldura um dos exemplares de *Avantures d'Italie* reproduz o retrato do músico-escritor (Figura 3),[45] em que se encontra um texto que indica o caráter heroico e filosófico do escritor. No entanto, as duas primeiras linhas estão sobrepostas por um segundo texto, que compara Dassoucy aos filósofos Demócrito e Sócrates, a partir dos

libertado da prisão, Dassoucy foi novamente integrado à corte, atuando como músico do rei. Charles Eugene Scruggs. *Charles Dassoucy*, *op. cit.* p. 11.

[43] Em ordem de publicação, seriam as seguintes obras Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*, *op. cit.*; Charles Dassoucy. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*, *op. cit.* Biblioteca Nacional da França, Arsenal 8-BL-9114; Charles Dassoucy. *La Prison de M. D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1674; Charles Dassoucy. *Les Pensées de Monsieur D'Assoucy dans le S. Office de Rome*, *op. cit.*; Charles Dassoucy. L*es Avantures de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.*; Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie, op. cit*.

[44] Anne Cayuela. *Le paratexte au Siècle d'Or, op. cit.* pp. 133-134.

[45] A gravura é a mesma que compõe o frontispício do primeiro tomo de Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.*

seguintes versos: "Neste Demócrito contempla/ A firmeza de um Sócrates".[46] Assim, o texto estaria representando o escritor como um sábio que ri — talvez de sua própria desgraça —,[47] mas que se mantinha constante e firme em suas ações e convicções.[48]

O retrato e os versos não foram incluídos nas primeiras páginas dos outros exemplares publicados em 1677 e, dentre as três peças de *Avantures d'Italie* aqui analisadas, duas não tiveram a imagem integrada à impressão. Diversas possibilidades podem ter envolvido a decisão de inclusão ou não dos retratos nas peças, mas não se pode desconsiderar que se trata da mesma imagem que compõe o primeiro tomo de *Avantures*, publicado em 1677.[49] A reaparição do retrato em uma das versões de *Avantures d'Italie* talvez tivesse o objetivo de relembrar os leitores quem era Dassoucy, pois, como apontado anteriormente, o músico-escritor havia passado quase 20 anos longe de Paris. Os escritos aludem aos rumores de que ele havia morrido, boatos que teriam, supostamente, circulado antes de sua volta, elementos identificados em *Rimes redoublées* e *Avantures*.[50] Sendo assim, Dassoucy afirma que, depois de regressar à capital, não perdia a oportunidade de ser visto, indo todos os dias ao Louvre, ao Palácio e à Comédie Française.[51]

Além disso, pode-se identificar variações na organização dos paratextos desses materiais. Dois exemplares, que fazem parte do acervo da Biblioteca Municipal de Lyon, apresentam alterações detectáveis a partir do índice dos

---

[46] Tradução livre: "En ce Democrite contemple / D'un Sócrate la fermeté". Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.* Biblioteca Municipal de Lyon 801820.

[47] Dominique Bertrand, por exemplo, reconhece o caráter risonho de Dassoucy, um tanto irônico como autoderrisório, mas ainda assim um riso que permitiria superar os percalços da vida. Ver, mais precisamente, os textos de Bertrand. "Le 'sens de l'humour' dans *Les Aventures de Dassoucy*". *Loxias*, 36 (2012), pp. 1-14. Disponível em: https://hal.science/hal-04524018v1/document. Acesso em 3 de dezembro de 2025; e "Le rire sonore de Dassoucy alias Diogène". *Journal of the SATOR*, 6 (2022), pp. 1-14. Disponível em: https://doi.org/10.7202/1096705ar. Acesso em 3 dezembro 2025.

[48] A figura de Sócrates, como lembrou Jean-Pierre Cavaillé, era comumente referenciada nos escritos dos libertinos e consistia em uma espécie de "lugar comum", sendo empregado para referenciar a sabedoria, a liberdade ou a dúvida e para criticar temas religiosos. Jean-Pierre Cavaillé. *Les Déniaisés*. *Irréligion et libertinage au début de l'époque moderne*. Paris: Classiques Garnier, 2013, p. 247.

[49] Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.*

[50] Em *Les Avantures d'Italie*, um dos capítulos faz referência, no título, à suposta morte de Dassoucy: "Chapitre VI Comme d'Assoucy arriva à Turin, où estant crû mort, d'abord il fut pris pour un ombre, il insulte contre Loret, et la tolerance des libelles". *Idem*, p. 83. Já na epístola ao leitor de *Rimes redoublées,* o músico-escritor declara: "Tovt de bon je crois que le Monde est sans yeux, où qu'il a perdu le sens, il y a plus d'un an & demy que je suis de retour de Rome" ou "je ne rencontre plusieurs de mes anciens amis, à qui ny mon visage, ny mes embrassemens, ny mes paroles ne sçauroient persuader que je sois ecore en vie qu'alors que je les ay pris par la main pour les mener boire". Charles Dassoucy. *Les Rimes redoublées*, *op. cit.* p. 1 e p. 6.

[51] Segundo o trecho: "Et comme il va de ma gloire que le monde qui me fait l'honneur de s'entretenir assez souvent de moy, sçache que je ne suis point encore vne Anatomie, je ne laisse passer aucune occasion de me faire voir. Je vais tous le jours au Louvre, au Palais & à la Comedie". *Idem*, pp. 2-3.

capítulos. Em um deles, ele foi completamente reproduzido até o capítulo XVIII, seguido pelo extrato do privilégio, pelo retrato de Dassoucy e, enfim, pela primeira página do Capítulo I (Figura 4).



Figura 4 – Ordem das páginas liminares de *Avantures d'Italie* código 801820. Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. Biblioteca Municipal de Lyon 801820.

Já no outro exemplar, o índice dos capítulos é interrompido na descrição do título do Capítulo XI — sem sequer apresentar uma finalização ou indicação da página em que ele seria iniciado —, sendo seguido da folha primeira do Capítulo I, sem o privilégio, que não consta nem na última folha do impresso (Figura 5). A terceira edição, localizada na Biblioteca Nacional da França, também não possui o extrato do privilégio, assim como o prefácio e o sumário (Figura 6). Sendo assim, a semelhança entre os três materiais foi mantida somente em alguns componentes, como na folha de rosto, na epístola dedicatória a Saint-Aignan e na integralidade do texto principal, que segue o mesmo padrão de divisões e de numeração das páginas.



LES 801822
AVANTURES
D'ITALIE
DE MONSIEUR
D'ASSOUCY.

A PARIS.
De l'Imprimerie d'Antoine de Rafflé, ruë de Petit-pont, au Chaudron.

M. DC. LXXVII.
AVEC PRIVILEGE.

A MONSEIGNEUR
LE DUC
DE SAINT AGNAN,
PAIR DE FRANCE.

MONSEIGNEUR,

Comme il n'eſt point de ſi petit Poëte qui n'ait ſa Muſe au chevet de ſon lict, & ſon Pegaze à l'eſtable, je ne doute pas que ces doctes reſveurs eſtant

EPISTRE.

riere à faire paroiſtre vôtre pouvoir dans la protection de celuy qui eſtant enchaiſné par une ſi longue ſuite de vos bien-faits, fut toûjours & ſera toute ſa vie.

MONSEIGNEUR.

Vôtre tres-humble, & tres-obeiſſant Serviteur.
C. D'ASSOUCY.

AV LECTEVR

JE n'eſcris point ces choſes pour te faire admirer mon bel eſprit : mais pour te faire admirer mes eſtranges Avantures & pour me faire connoiſtre un peu mieux à bien des gens dont je ne ſuis pas trop bien connu ; c'eſt pourquoy ie ne me ſoucie pas beaucoup que ceux qui ne ſont pas trop amoureux de mon bien dire, non plus que de mes bonnes œuvres,

PREFACE.

efforts de ceux qui pour leur honneur font bien de fermer les yeux à mes eſtranges Avantures, elles ſont leües & ſeront releües tant que le monde ſçaura lire. Le temps & la patience t'en apprendront le ſecret.

TABLE
DES CHAPITRES
contenus en ce Volume.

CHAP. I. *D'Aſſoucy paſſe à Toulon. Le traitement que luy fit le Chevalier Pol. Comme il fut défrayé dans un Bourg par les Muſiciens d'un Chapitre. Plaiſante deſcription de leur Muſique.* Page 1
CHAP. II. *Comme d'Aſſoucy traverſant la baſſe Provence, fut volé dans un Bois.* p. 25

TABLE.

venta pour éluder tous ſes deſſeins, p 115
CHAP. IX. *Pierrotin ſe deſenrume. D'Aſſoucy ravit Madame Royale dans le jardin du Valentin, recouvre ſa gloire, & fait crever ſes Envieux,* p. 136
CHAP. X. *D'Aſſoucy pour obtenir auprés de leurs Alteſſes Royales, l'eſtabliſſement qu'on luy avoit fait eſperer : fait une plaiſante deſcription de ſon affection & de ſon aſſiduité,* p 166
CHAP. XI. *D'Aſſoucy au lieu de borner ſon ambition*

LES AVANTURES
ITALIENNES
DE MONSIEUR
D'ASSOUCY.

CHAPITRE I.

D'Aſſoucy paſſe à Toulon. Le traitement que luy fit le Chevalier Pol. Comme il fut défrayé dans un Bourg par les Muſiciens d'un Chapitre. Plaiſante deſcription de leur Muſique.

JE diray donc, qu'autant laſſé de la fumée des Sar-

Figura 5 – Ordem das páginas liminares de *Avantures d'Italie* código 801822. Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. Biblioteca Municipal de Lyon 801822. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001100390033. Acesso em 3 de dezembro de 2025.


LES
AVANTURES
D'ITALIE
DE MONSIEUR
D'ASSOUCY.

A PARIS,
De l'Imprimerie d'Antoine de Raffle', ruë de Petit-pont, au Chaudron.

M. D C. LXXVII.
AVEC PRIVILEGE.

A MONSEIGNEUR
LE DUC
DE SAINT AGNAN,
PAIR DE FRANCE.

MONSEIGNEUR,

Comme il n'eſt point de ſi petit Poëte qui n'ait ſa Muſe au chevet de ſon lict, & ſon Pegaze à l'eſtable, je ne doute pas que ces doctes reſveurs eſtant

ã ij

LES AVANTURES
ITALIENNES
DE MONSIEUR
D'ASSOUCY.

CHAPITRE I.

D'Aſſoucy paſſe à Toulon. Le traitement que luy fit le Chevalier Pol. Comme il fut défrayé dans un Bourg par les Muſiciens d'un Chapitre. Plaiſante deſcription de leur Muſique.

JE diray donc, qu'autant laſſé de la fumée des Sar-

I. Part. A

Figura 6 – As primeiras folhas de *Avantures d'Italie* da BNF.
Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. Biblioteca Nacional da França RES 8-LN27-695. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626246n.image. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

As disparidades entre as peças demonstram a complexidade que envolvia o processo de publicação dos textos no período moderno. Mesmo que o texto principal tenha sido mantido e (re)utilizado, ocorreram mudanças substanciais nos paratextos de *Avantures d'Italie*. As alterações identificadas nesses artefatos revelam as tentativas de resposta de Dassoucy a seus críticos, apontando a relevância de suas produções e, evidentemente, sua inocência. O músico-escritor desejava encontrar novamente o seu lugar na corte e entre os círculos de literatos. Antes de partir, ele já tinha um reconhecimento evidente: atuava como músico na corte de Louis XIII, tendo publicado mais de uma peça teatral, sido incentivado por Pierre Corneille a escrever a partitura do musical *Andromède* e atuado como redator da partitura musical de *La Descente d'Oprhee aux Enfers*, de Chapoton.[52] As obras em versos publicadas anos antes estão repletas de textos laudatórias entre seus paratextos, contendo as assinaturas de diferentes escritores do período, como Tristan L'Hermite, Chapelle, Cyrano de Bergerac, Corneille, Scarron e du Pelletier, evidenciando o reconhecimento de Dassoucy por seus pares.[53]

As alterações nos paratextos e suas mobilidades constituem, também, um elemento comum a outros escritos libertinos, como as obras *Histoire Comique* e *Les Ouvres diverses*, de Cyrano de Bergerac, que foram publicadas,

[52] Charles Eugene Scruggs. *Charles Dassoucy*, *op. cit.* p. 5.
[53] Charles Dassoucy. *Le Jugement de Paris en vers burlesques*. Paris: Toussaint Quinet, 1648. Biblioteca Nacional da França, Arsenal 4-BL-3360; Charles Dassoucy. *L'Ovide en belle humeur*. Paris: Charles de Sercy, 1650. Biblioteca Nacional da França YE-1342.

postumamente, em 1657 e 1662,[54] ou *Le Page disgracié*, de Tristan L'Hermite, publicada em 1643 e reimpressa em 1667.[55] Esta última edição teve diversas inclusões entre as suas peças preliminares e finais.

Diante disso, deve-se refletir sobre o sentido de as variações materiais e textuais ocorrerem, principalmente entre as primeiras páginas das obras. Tal fato se explica porque os paratextos constituem os elementos principais da apresentação e oferta dos textos,[56] em que tanto o escritor quanto o impressor-editor podem sinalizar a especificidade e a relevância de determinada peça, de modo a convencer os possíveis leitores sobre os benefícios da leitura de determinado livro, ao fornecer alguma utilidade ou prazer àqueles que liam, além de possibilitar a divulgação de saberes específicos.

É importante acrescentar que, conforme indicou Jean-Max Colard, à medida que as folhas de rosto eram desenvolvidas e personalizadas nos livros, elas favoreciam a assinatura dos textos e a sua apropriação pelo autor. Contudo, a aparição dos prefácios e das dedicatórias foi separada do restante da obra, o que pode ter contribuído para uma "expropriação do autor", pois ele nem sempre era o redator do prefácio do seu próprio livro. No século XVI, por exemplo, a maioria dos prefácios era redigida por um terceiro, e a sua localização nas primeiras páginas, separada da composição principal, criou uma nova encenação do texto, em que:

---

[54] Savinien de Cyrano de Bergerac e Henry Le Bret. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. *Contenant les Estats et Empires de la Lune*. Paris: Charles de Sercy, 1657. Biblioteca Nacional da França RES P-Y2-2969. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k87098567 Acesso em 3 de dezembro de 2025; Cyrano de Bergerac. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (*avec fragment de physique)*. Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.

[55] Tristan L'Hermite. *Le page disgracié*. *Ou l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Premiere partie*. Paris: Toussainct Quinet, 1643. Biblioteca Nacional da França, Arsenal 8-BL-22396 (1). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t5783913f. Acesso em 3 de dezembro de 2025; Tristan L'Hermite. *Le page disgracié*. *Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Seconde partie*. Paris: Toussainct Quinet, 1643. Biblioteca Nacional da França, Arsenal 8-BL-22396 (2). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t5783914t. Acesso em 3 de dezembro de 2025; Tristan L'Hermite. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caraɛteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes profeβions*. Premiere partie. Paris: Andre Boutonne, 1667. Biblioteca Nacional da França Y2-7893. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k841732. Acesso em 3 de dezembro de 2025; Tristan L'Hermite. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caraɛteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions.* Seconde partie*.* Paris: Andre Boutonne, 1667. Biblioteca Nacional da França Y2-7894. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k84174d. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

[56] O prefácio no período do Renascimento, por exemplo, apresentava e oferecia a primeira impressão da obra. Ver, especificamente, Philippe Desan. "Préfaces, prologues et avis au lecteur: strategies préfacielles à la Renaissance". In: François Cornilliat, Ullrich Langer e Douglas Kelly (ed.). *What is literature*?: France, 1100-1600. Lexington: Ky.,French Forum, 1993, p. 105. Sobre o período do renascimento, consultar também: Helen Smith e Louise Wilson. *Renaissance paratexts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

> [Sua] aparição no livro é dramatizada pela transposição de vários limiares. No entanto, a transposição desses limiares, em ambos os lados do livro, guia a leitura da obra de forma completamente decisiva. O paradoxo da situação do paratexto no início da história do livro moderno reside no fato de que não é necessariamente responsabilidade do autor garantir a recepção de sua própria obra. E uma das principais causas dessa desapropriação é, obviamente, o distanciamento do paratexto do texto e sua vinculação ao livro.[57]

O prefácio do livro poderia ser entendido, então, como um espaço comum de transação do texto, um lugar verdadeiramente aberto à troca e à circulação de ideias, palavras etc.[58] Por isso, ele também compreenderia a representação de um espaço público, seguindo a reflexão de Doré a partir de Desan, que permitia o funcionamento de um mercado no qual se encontram o vendedor (escritor) e o comprador (leitor) em potencial,[59] além do diálogo entre o escritor e o impressor. Sendo, em última instância, um objeto comercial, o aspecto "privado" torna-se "público" a partir da publicação do livro.[60]

A questão do espaço público merece ser esmiuçada, pois o trabalho de Jürgen Habermas abriu uma via de reflexão a respeito da sociabilidade cultural e de sua emergência, que ele localiza no século XVIII.[61] Outras pesquisas identificaram, no entanto, uma simplificação na leitura de Habermas, ao opor a esfera pública da representação à esfera pública burguesa. Hélène Merlin-Kajman foi uma das pesquisadoras que apontou essa simplificação e refletiu sobre as noções de público e privado no vocabulário que recobre da Renascença à Idade Clássica.[62] A partir da análise de discursos prefaciais de obras como *Le Cid* e *La Princesse de Clèves*, ela indica que os textos constituem os objetos que encenam um "público", invocando seu nome, nomeando-o, julgando-o e

---

[57] Tradução livre: "l'apparition au sein du livre est dramatisée par le franchissement de divers seuils. Or le franchissement de ces seuils, de part et d'autre du livre, oriente la lecture de l'œuvre d'une façon tout à fait décisive. Tout le paradoxe de la situation du paratexte au début de l'histoire du livre moderne, c'est que ne revienne pas forcément à l'auteur la tâche d'assurer la réception de sa propre œuvre. Et l'une des causes principales de cette dépossession, c'est évidemment le détachement du paratexte vis-à-vis du texte et son rattachement au livre". Jean Max Colard. "L'apparition du paratexte". In: Michèle Gally e Michel Jourde (ed.). *L'inscription du regard*. Paris: ENS Éditions, 1995, § 13. Disponível em: https://doi.org/10.4000/books.enseditions.21470. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

[58] *Idem*, § 46.

[59] Andréa Doré. "Vendre le monde", *op. cit.* p. 5.

[60] Susanna de Schepper. "'For the Common Good and for the National Interest': Paratexts in English Translations of Navigational Works", *op. cit.* p. 198.

[61] Jürgen Habermas. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Denilson Luis Werle. São Paulo: Unesp, 2014.

[62] Para uma perspectiva sobre o público a partir da história dos conceitos, conferir: Luciana Villas Bôas. "O aberto e a esfera do público: notas sobre a história do conceito e da sua tradução". *Outra travessia*, 1 (2022), pp. 179-205. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/90444/53137. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

temendo-o. O "público", como um conceito político, indicativo de corpo político e bem público, passa, assim, a designar o "público" do mundo das letras, em que leitores, escritores, reputações e críticas de suas obras constituem os espaços em que esses agentes estavam imersos.[63] Tal elemento pode ser identificado entre os paratextos analisados de Dassoucy, pois, a todo momento, ele busca referenciar os seus pares como principais críticos e possíveis leitores, refletindo sobre como eles poderiam ler suas obras e assimilar a sua inocência e suas habilidades de escrita.

Conforme relembra Stephane Van Damme, Christian Jouhaud analisa as ações concretas de tornar algo público (*rendre public*), como a publicação de uma obra, que indicam uma posição sobre o que é ou não é "público". Seria durante o período moderno que ocorreria uma "desprivatização do público", aspecto apontado por Philippe Ariès, mas que evidencia as reconfigurações das relações entre público e privado.[64] Diante disso, Jouhaud indica a permanência de um espaço do particular, que não está localizado na esfera privada, mas consiste em um espaço elaborado a partir das relações entre os escritores, seus patrocinadores e, claro, o poder. Nessa situação, os escritores poderiam atuar entre o espaço público das letras, que cria ou derruba reputações e sucessos, e o espaço de persuasão política, em que seria possível jogar com suas carreiras e estabelecer relações com poderosos, a partir da patronagem ou de clientelas, por meio de seus textos e publicações.[65]

No caso dos paratextos de Dassoucy, pode-se verificar a particularidade de o músico-escritor ser o redator de suas próprias dedicatórias e prefácios. Nesses textos, ele não apenas estabelece articulações com os seus dedicados, buscando incentivo e proteção, como também busca (re)apresentar sua reputação em contraposição às críticas dos seus ex-amigos. Ao elaborar um discurso em certa medida modesto, mas também ressaltando seu mérito como escritor, poeta e músico capaz de criar obras dignas de serem lidas, ouvidas e compartilhadas, ele justifica a necessidade de sua composição.[66]

---

[63] Hélène Merlin-Kajman. *Public et littérature en France au XVIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

[64] Também é interessante a conclusão do historiador sobre a vida privada: "o problema da vida privada nos tempos modernos deve ser tratado sob dois ângulos distintos. Um é o da oposição entre o homem de Estado e o particular e das relações entre o domínio do Estado e o que, no limite, se tornará um espaço doméstico. O outro é o da sociabilidade e da passagem de uma sociabilidade anônima, em que as noções de público e privado se confundem, a uma sociabilidade florescente em que surgem setores bem diversos: um resíduo de sociabilidade anônima, um setor profissional e um setor, igualmente privado, reduzido à vida doméstica". Philippe Ariès e Roger Chartier (orgs.). *História da vida privada, 3. Da Renascença ao Século das Luzes.* Trad. Hildegrad Feits. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 24-25.

[65] Stephane Van Damme. "Farewell Habermas? Deux décennies d'études sur l'espace public". *Les Dossiers du Grihl*, 1 (2009). Disponível em: https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/682. Acesso em 3 de dezembro de 2025; Christian Jouhaud. *Les Pouvoirs de la littérature*. *Histoire d'un paradoxe*. Paris: Gallimard, 2000.

[66] O chamado "self-deprecatory mode", indicativo da modéstia do escrito, consistia em um mecanismo de defesa em um período em que escritores e tradutores poderiam atrair

Nesse sentido, a escrita foi empregada por Dassoucy não apenas como defesa, mas também como meio de se afastar das acusações emitidas por seus detratores. Sua perspectiva era a de que os seres humanos viviam imersos na ignorância e na incoerência, por isso buscava evidenciar suas virtudes. No prefácio de *Avantures*, por exemplo, obra publicada no mesmo período que *Avantures d'Italie*, Dassoucy indicou: "a ignorância dos simples e a malícia dos tolos, a crueldade dos 'Dragomans' e a tirania dos Astarothes serão as sombras que, até o fim dos séculos, servirão de relevo à minha glória, e de prêmio à minha virtude".[67] Dessa forma, o escritor recorria aos tormentos vivenciados ao longo de sua vida para enaltecer sua trajetória e distinguir-se de seus perseguidores.

Ao alterar os textos que emolduravam seus impressos, Dassoucy experimentava o poder contraditório da significação de representação, conforme indicou Chartier, ao identificá-la como uma ação que trazia à luz uma ausência ao indicar uma presença.[68] Além disso, os prefácios dos textos libertinos eram os principais alvos de alterações e revisões, pois circundavam o texto e podiam transformar a maneira como ele seria lido, funcionando como uma espécie de guia interpretativo — e também de expectativa — para os leitores e, ao mesmo tempo, como uma espécie de dissimulação.

Considerações finais

A partir da análise do primeiro e do último texto publicados por Dassoucy, *Rimes redoublés* e *Avantures d'Italie*, foi possível verificar que o músico-escritor estabeleceu seu diálogo tanto com os leitores contemporâneos de sua obra quanto com aqueles que entrariam em contato com ela na posteridade. As obras em questão, embora tenham permanecido algum tempo intocadas e lembradas apenas em associação ao texto caluniador de Chapelle, foram aqui revisitadas para evidenciar as especificidades da escrita libertina, marcada por contradições e debates, mas, acima de tudo, por oposições e reivindicativas de representações contra a ordem estabelecida. A busca pela liberdade de pensamento de Dassoucy, observável em seus textos, revela-se, assim, como um traço fundamental de sua produção e possibilidade de publicação, e de sua tentativa de representar-se e reconstruir a própria reputação.

---

sérios problemas, sobretudo por motivos políticos ou religiosos. Susanna de Schepper. "'For the Common Good and for the National Interest': Paratexts in English Translations of Navigational Works", *op. cit*. p. 198.

[67] Tradução livre: "Aussi ce n'est pas pour eux que j'écris, mais pour toy, genereux Lecteur, qui justement indigné contre cette vermine picquante toûjours obsedée de l'impertinence du Démon de l'oüyr dire". Charles Dassoucy. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit*.

[68] Os significados da palavra representação advinham de sentidos, aparentemente, contraditórios. A representação fazia ver uma ausência, enquanto apresentava uma presença. Roger Chartier. "O mundo como representação". *Estudos Avançados*, 5, (1991), p. 184. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/8601. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

Observa-se que a publicação de um texto libertino estava, então, entrelaçada à representação da contradição, perceptível por meio do conteúdo dos paratextos e dos temas tratados nas obras — como a crítica e a exploração de assuntos relacionados à religião, aos costumes, à aristocracia e aos prazeres. Nesses textos, ora se reconhece a audácia, ora se nega essa possibilidade, de modo a envolver os prováveis leitores em um imaginário paradoxal. Mais interessante do que construir uma representação da utilidade e do prazer que o leitor poderia obter com a leitura de suas obras, Dassoucy preferiu declarar sua inculpabilidade e maestria ao abordar, em tom irônico, muitos temas dolorosos. Era preciso, pois, tornar-se, acima de tudo, admirável pelo seu belo espírito burlesco.[69]

Referências

ALCOVER, Madeleine. "Un gay trio: Cyrano, Chapelle, Dassoucy". In: HEYNDELS, Ralph; WOSHINSKY, Barbara (éd.). *L'Autre au XVIIe siècle. Actes du quatrième coloque du Centre international de Rencontres sur le XVIIe siècle (University of Miami, 23-25 avril 1998)*. Tübingen: Narr, 1999.

APPELT, Kelly Caroline. *"Ceci n'est pas une imagination ridicule": circularidade de ideias entre escritores libertinos na França do século XVII (Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy e Tristan L'Hermite)*. Tese de Doutorado em História: Universidade Federal de Minas Gerais, 2025.

ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da vida privada*, *3. Da Renascença ao Século das Luzes.* Trad. Hildegrad Feits. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BERTRAND, Dominique. "Le 'sens de l'humour' dans *Les Aventures de Dassoucy"*. *Loxias*, 36 (2012), pp. 1-14. Disponível em: https://hal.science/hal-04524018v1/document. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

BERTRAND, Dominique. "Le rire sonore de Dassoucy alias Diogène". *Journal of the SATOR*, 6 (2022), pp. 1-14. Disponível em: https://doi.org/10.7202/1096705ar. Acesso em 3 dezembro 2025.

BERTRAND, Dominique. "La «merveilleuse histoire» des «disgrâces» de Dassoucy: récit de survivance et résilience ambiguë". *Études littéraires*, 38 (2006), pp. 77-88. Disponível em: https://doi.org/10.7202/014824ar. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

CATUSSE, Guy. "D'un bon usage de l'équivoque: les avantures de Dassoucy". *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, 33 (2004). Disponível em: http://journals.openedition.org/ccrh/241. Acesso em: 3 dezembro de 2025.

CATUSSE, Guy. "Des *Rimes redoublées* aux *Aventures de Monsieur Dassoucy*: dire et redire la 'médisance'". In: BERTRAND, Dominique (éd.). *Avez-vous lu Dassoucy? Actes du colloque du Centre d'études sur les réformes, l'humanisme, et l'âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005, pp. 143-156.

CATUSSE, Guy. "Les prisons de Monsieur Dassoucy". *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, 39 (2007), pp. 119-139. Disponível em: https://doi.org/10.4000/ccrh.3369. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Dis/simulations*. *Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Religion, morale et politique au XVIIe siècle*. Paris: Honoré Champion, 2002.

[69] O próprio Dassoucy declarou em *Avantures d'Italie*: "ce Charles d'Assoucy d'Empereur du Burlesque qu'il estoit, premier de ce nom". Charles Dassoucy. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, *op. cit.* p. 264.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. "Hypocrites, hérétiques, déistes et athéistes dans les écrits de Dassoucy". In: BERTRAND, Dominique (éd.). *Avez-vous lu Dassoucy? Actes du colloque du Centre d'études sur les réformes, l'humanisme, et l'âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005, pp. 269-296.
CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Les Déniaisés*. *Irréligion et libertinage au début de l'époque moderne*. Paris: Classiques Garnier, 2013.
CAYUELA, Anne. *Le paratexte au Siècle d'Or: prose romanesque, livres et lecteurs en Espagne au XVIIe siècle*. Genebra: Librairie Droz, 1996.
CHARTIER, Roger. Pamphlets et gazettes. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française*. Tome 1. Paris: Fayard-Cercle de la librairie, 1989, pp. 501-526.
CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*: *leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.
CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 5 (1991), pp. 173-191. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/8601. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Trad. Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012
CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesigner. São Paulo: UNESP, 2014.
CHARTIER, Roger. *Éditer et traduire*. *Mobilité et matérialité des textes (XVIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Seuil/Gallimard, 2021.
COLARD, Jean Max. "L'apparition du paratexte". In: GALLY, Michèle; JOURDE, Michel (ed.). *L'inscription du regard*. Paris: ENS Éditions, 1995, pp. 315-335. Disponível em: https://doi.org/10.4000/books.enseditions.21470. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil (avec fragment de physique)*. Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.
CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac. Contenant les Estats et Empires de la Lune*. Paris: Charles de Sercy, 1657. BNF RES P-Y2-2969. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k87098567. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DASSOUCY, Charles. *Le Jugement de Paris en vers burlesques*. Paris: Toussaint Quinet, 1648. BNF, Arsenal 4-BL-3360.
DASSOUCY, Charles. *L'Ovide en belle humeur*. Paris: Charles de Sercy, 1650. BNF YE-1342.
DASSOUCY, Charles. *Les rimes redoublées de Monsievr Dassovcy*. Paris: Claude Nego, 1671. BNF RES-YE-3489 Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1525263p. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DASSOUCY, Charles. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*. Paris: Claude Nego, 167[2-3]. BNF 8-BL-9114
DASSOUCY, Charles. *La Prison de M. D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1674.
DASSOUCY, Charles. *Les Pensées de Monsieur D'Assoucy dans le S. Office de Rome*. Paris: Antoine de Rafflé, 1676. BNF RES-R-1933. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k116818x. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DASSOUCY, Charles. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier. Paris: Claude Audinet, 1677. BNF RES 8-LN27-694 (1). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626244t. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DASSOUCY, Charles. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome seconde. Paris: Claude Audinet, 1677. BNF RES 8-LN27-694 (2). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86262457. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

DASSOUCY, Charles. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. BNF RES 8-LN27-695. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626246n. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DASSOUCY, Charles. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. BML 801820. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001100390025. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DASSOUCY, Charles. *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. BML 801822. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001100390033. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DASSOUCY, Charles. *Les Aventures et les Prisons*. Édition critique par Dominique Bertrand. Paris: Honoré Champion, 2008.
D'ANGELO, Filippo. "«Je suis le héros véritable de mon roman»: l'équivocité de la voix narrative dans les récits à la première personne au XVIIe siècle"*. Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, 33 (2004). Disponível em: http://journals.openedition.org/ccrh/237. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
DEJEAN, Joan. *Tender Geographies. Women and the Origins of the Novel in France*. New York: Columbia University Press, 1991.
DESAN, Philippe. "Préfaces, prologues et avis au lecteur: strategies préfacielles à la Renaissance". In: CORNILLIAT, François; LANGER, Ullrich; KELLY, Douglas (ed.). *What is literature?: France, 1100-1600*. Lexington: Ky.,French Forum, 1993, pp. 101-122.
DORÉ, Andréa. "Vendre le monde: les préfaces des cosmographies à la Renaissance". *Margini: Giornale della dedica e altro*, 11 (2017), pp. 3-16. Disponível em: https://www.margini.unibas.ch/web/rivista/numero_11/saggi/articolo2/dore.pdf. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Denilson Luis Werle. São Paulo: Unesp, 2014.
HENNIG, Jean-Luc. *Dassoucy & les garçons*. Paris: Fayard, 2011.
JEANNERET, Michael. "«Envelopper les ordures»? Érotisme et libertinage au XVIIe siècle". *Littératures Classiques*, 55 (2005), pp. 157-168. Disponível em: https://doi.org/10.3917/licla.055.0157. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
JOUHAUD, Christian. *Les Pouvoirs de la littérature*. *Histoire d'un paradoxe*. Paris: Gallimard, 2000.
MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. São Paulo: Unesp, 1996.
MERLIN-KAJMAN, Hélène. *Public et littérature en France au XVIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
MINOIS, Georges. *Censure et culture sous l'Ancien Régime*. Paris: Fayard, 1995.
MONGRÉDIEN, Georges. "Bibliographie des oeuvres de Dassoucy". *Revue d'Histoire littéraire de la France*, 1 (1932), pp.100-110.
MOREAU, Isabelle. *Guérir du sot*. *Les Stratégies d'écriture des libertins à l'âge classique*. Paris: Honoré Champion, 2007.
MUCHEMBLED, Robert. *La Société policée. Politique et politesse en France du XVIe au XXe siècle*. Paris: Seuil, 1998.
NÉDELEC, Claudine. "Le burlesque au Grand Siècle: une esthétique marginale?" *Dix-septième siècle*, 224 (2004), pp. 429-443. Disponível em: https://doi.org/10.3917/dss.043.0429. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
NÉDELEC, Claudine. "Matérialités du littéraire: Dassoucy, figurations et reconfigurations éditoriales". In: *Conférence, ED SHS 586*, 10 mars 2021. Disponível em: https://univ-artois.hal.science/hal-04551902v1/document. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
NOVVELLES Poesies et Prose galantes. Contenant plvsievrs Elegies, Stances. Sonnets, Rondeavx, Epigrammes, Bovts-Rimez et Madrigavx. Sur divers sujets les plus enjoüez de ce temps. Paris: Estienne Loyson, 1661.

PEUREAUX, Guillaume. *De main en main. Poètes, poèmes et lecteurs au XVIIe siècle*. Paris: Hermann Éditeurs, 2021.
PORTER, Stanley E.; STEVENS, Chris S.; YOON, David I. (orgs.). *Studies On The Paratextual Features Of Early New Testament Manuscripts*. Leiden; Boston: Brill, 2023.
ROCHE, Bruno. "Le Rire d'Éros ou le libertinage de l'imagination". In: VAILLANT, Alain. *Esthétique du rire*. Paris: Presses Universitaires de Paris-Ouest, 2012, pp. 89-120.
ROCHE, Bruno. "Le rire du page ou les métamorphoses du libertinage flamboyant". In: BOMBART, Mathilde. *Lectures de Tristan L'Hermite. Le Page disgracié*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, pp. 99-110.
RUOKKEINEN, Sirkku; LIIRA, Aino. "Material Approaches to Exploring the Borders of Paratext". *Textual Cultures*, 11 (2017), pp. 106-129. Disponível em: https://doi.org/10.14434/textual.v11i1-2.23302. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
SCHEPPER, Susanna de. "'For the Common Good and for the National Interest': Paratexts in English Translations of Navigational Works". In: BARKER, Sara K; HOSINGTON, Brenda M. (eds.). *Renaissance Cultural Crossroads: Translation, Print and Culture in Britain, 1673-1640*. Leiden: Brill, 2013, pp. 185-207.
SCRUGGS, Charles Eugene. *Charles Dassoucy: Adventures in the Age of Louis XIV. The Life and Works of Dassoucy with Selected Narrativas from his Aventures*. Lanham; New York; London: University Press of America, 1984.
SMITH, Helen; WILSON, Louise. *Renaissance paratexts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. *Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Premiere partie*. Paris: Tovssainct Qvinet, 1643. 8-BL-22396 (1). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t5783913f. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. *Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Seconde partie*. Paris: Toussainct Quinet, 1643. 8-BL-22396 (2). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t5783914t. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
TRISTAN L'HERMITE. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caraεteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes profeβions*. Premiere partie. Paris: Andre Boutonne, 1667. Y2-7893. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k841732. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
TRISTAN L'HERMITE. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caraεteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions*. Seconde partie. Paris: Andre Boutonne, 1667. Y2-7894. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k84174d. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
VAN DAMME, Stephane. "Farewell Habermas? Deux décennies d'études sur l'espace public". *Les Dossiers du Grihl*, 1 (2009). Disponível em: https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/682. Acesso em 3 de dezembro de 2025.
VILLAS BÔAS, Luciana. "O aberto e a esfera do público: notas sobre a história do conceito e da sua tradução". *Outra travessia*, 1 (2022), pp. 179-205. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/90444/53137. Acesso em 3 de dezembro de 2025.

Contribuição recebida em: 31 de agosto de 2025.
Aceita em: 27 de outubro de 2025.